

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DO PESSOENSE URBANO

REGINA CELI MENDES PEREIRA
(UEPB)

1 - Introdução

A constatação da grande influência exercida pela vogal da sílaba seguinte vem ratificar as conclusões a que chegaram os trabalhos existentes que descrevem o comportamento dessas vogais, por esta razão concentraremos a nossa exposição na descrição dessa variável.

2 – Análise dos Resultados

Para avaliar melhor a influência das vogais seguintes sobre as médias, organizamos duas tabelas: uma com os dados da não - recuada / e /, e outra com os dados da recuada / o /. Foram examinadas 8.679 realizações para / e / e 6.401 para / o /, perfazendo um total de 15.080 ocorrências.

Optamos por separar as altas orais / i / e / u /, e as altas nasais / î / e / û /, a fim de controlarmos, sob o ponto de vista articulatorio (Mattoso, 1970 p. 44), a influência da anterior / i / e da posterior / u /, separadamente. Bortoni (1992) adotou o mesmo procedimento. Por outro lado, agrupamos num mesmo contexto, as não altas nasais: ã, ã, õ. Essa atitude se justifica, primeiramente, pelo comportamento de ã e õ que se revelaram coincidentes no favorecimento da abertura das médias. E, finalmente, pela ocorrência mínima do contexto vocálico seguinte õ, ao longo de todo corpus, restringindo -se a três únicos vocábulos: **personagem, vergonha e responsável** todos de realização aberta.

Observemos os resultados referentes às tabelas 1 e 2 nas páginas seguintes.

TABELA 1 -Vogal da sílaba seguinte resultados para /e/

	I			É			ÔÊÊ		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
I /revista	1233/2069	60%	.65	483/2069	30%	.16	202/2069	10%	.19
u/verdura	92/476	19%	.17	317/476	67%	.55	67/476	14%	.26
ê/cerveja	40/321	12%	.7	17/321	5%	.2	264/321	82%	.91
ô/nervoso	17/224	8%	.7	45/224	20%	.9	162/224	72%	.84
é/vegetais	20/405	5%	.6	330/405	81%	.59	55/405	14%	.35
ó/relógio	155/765	20%	.19	543/765	71%	.59	67/765	9%	.22
a/verdade	98/1237	8%	.10	982/1237	79%	.77	157/1237	13%	.13
I/menina	632/760	83%	.97	124/760	16%	.2	4/760	1%	.1
ũ/ segundo	101/226	45%	.83	122/226	54%	.14	3/226	1%	.3
ã ã õ vergonha	82/985	8%	.9	803/985	82%	.74	100/985	10%	.17
Ditongo Levou	276/1211	23%	.15	253/1211	21%	.11	682/1211	56%	.74

P = peso relativo

F= frequência

TABELA 2 - Vogal da sílaba seguinte resultados para /o/

	U			Ó			Ô		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
I/policial	654/839	78%	.82	143/839	17%	.8	42/839	5%	.10
u/procurar	27/301	9%	.14	239/301	79%	.55	35/301	12%	.31
ê/governo	933/1889	49%	.30	24/1889	1%	.2	932/1889	49%	.68
ô/gostoso	29/104	28%	.8	2/104	2%	.1	73/104	70%	.91
é/novela	75/568	13%	.9	465/568	82%	.76	28/568	5%	.14
Ó									
a/votar	190/1154	16%	.6	948/1154	82%	.9	16/1154	1%	.2
ĩ/cozinha	162/171	95%	.95	4/171	2%	.1	5/171	3%	.4
ũ/profundo	11/51	22%	.27	38/51	75%	.66	2/51	4%	.7
ã ã õ momento	27/624	4%	.1	562/624	90%	.95	35/624	6%	.4
dit/comeu	64/466	14%	.8	192/466	41%	.23	210/466	45%	.68

De modo geral, os números correspondentes à não - recuada /e/, e à recuada /o/ não apresentam grandes diferenças entre si. Vejamos, inicialmente, a

distribuição dos índices de probabilidade e frequência no contexto das altas orais e nasais: [i], [u], [ĩ] e [ũ]

TABELA 3 - Médias antes de altas orais e nasais [i],[u],[ĩ] e [ũ] – resultados para /e/

	i			é			ê		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
__i revista	1233/2069	60%	.65	483/2069	30%	.16	202/2069	10%	.19
__u verdura	92/476	19%	.17	317/476	67%	.55	67/476	14%	.28
__ĩ menina	632/760	83%	.97	124/760	16%	.2	4/760	1%	.1
__ũ Segundo	101/226	45%	.83	122/226	54%	.14	3/226	1%	.3

TABELA - 4 Médias antes de altas orais nasais [i], [u], [ĩ] e [ũ] resultados para /o/

	u			ó			ô		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
__i policial	654/839	78%	.82	143/839	17%	.8	42/839	5%	.10
__u procurar	27/301	9%	.14	239/301	79%	.55	35/301	12%	.31
__ĩ cozinha	162/171	95%	.95	4/171	2%	.1	5/171	3%	.4
__ũ profunda	11/51	22%	.27	38/51	75%	.66	2/51	4%	.7

Confirmando as hipóteses levantadas, os índices mais altos de elevação ocorrem diante de [i] e [ĩ], tanto para /e/, como para /o/. No caso específico da nasal [ĩ], a aplicação da regra de elevação tem caráter categórico (.97 para /e/ e .95 para /o/). Os únicos vocábulos que apresentam variação para /o/ são: s [ô] rindo (1), r [ô] tina (4) e r [ó] tina (3). Os demais permanecem invariavelmente altos.

Ex.: c [u] zinha, d [u] rindo, d [u] minga, s [u] brinha, f [u] cinho.

Excetuando-se o vocábulo **seguinte**, que também se apresentou como variante fechada (s [ê] guinte), todos os outros que se realizaram com a variante **i** permaneceram invariáveis.

Ex.: m [i] nina, s [i] rvindo, p [i] dindo, d [i] fini.

Por outro lado, quando temos [u] e [ũ] no contexto vocálico seguinte, a tendência se inverte. A alta oral posterior / u / não favorece a elevação nem de /e/, nem de /o/. Os valores percentuais revelam, ao contrário, a ocorrência majoritária das realizações abertas (ê = 67% e ó = 79%). Bisol (1981) já registrara que a alta não homorgânica / u / tem influência menor na elevação das médias.

Ex.: p [é] ssual, v [é] rdura, d [é] putado, r [é] gular, p [é] lúcia.

É conveniente ressaltar que [i] e [u] na sílaba seguinte se apresentam como os maiores favorecedores da realização variável nos três níveis: elevação, abertura e fechamento. Silva (1989) constatou que o mesmo fenômeno ocorre no dialeto de Salvador: a alternância entre i:: ê:: é e u:: ô:: ó ocorre apenas antes de vogais altas na sílaba seguinte. Foi possível encontrar as seguintes formas variantes no nosso corpus:

sufrimento	- sófrimento	- sôfrimento
prisidente	- présidente	- prêside
rivista	- révista	- rêvista
pricisa	- précisa	- prêcisa
purtuguês	- pórtuguês	- pôrtuguês

No que diz respeito à alta posterior nasal [ũ], percebemos um comportamento diferenciado para / e / e para / o /.

Se por um lado, o [ũ] favorece a abertura de / o /, por outro, favorece a elevação de / e /. Note-se também que a aparente falta de paralelismo entre os valores do peso relativo e do percentual se justifica pela co-ocorrência de fatores. Apesar de os valores percentuais serem muito próximos para as variantes (i = 45% e ê = 54%), o peso relativo se distancia de maneira acentuada (i = .83 e ê = .14), e a referência ao peso relativo é mais importante na avaliação das tabelas. Essa sobreposição de fatores se manifesta por conta da interferência da vibrante posterior /r/, favorecedora da abertura, já que a maioria das ocorrências verificou-se em vocábulos como: **pergunta**, **perguntaram** e derivados. É muito precipitado também fazer qualquer inferência definitiva a respeito da elevação de /e/ diante de [ũ], já que 93% das ocorrências se restringem a **sigunda** e **sigundo**.

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DO PESSOENSE URBANO

Vejamos agora, nas Tabelas 5 e 6, os contextos que se revelaram mais favorecedores da abertura das médias pretônicas.

TABELA 5 - Médias antes de [e], [o], [a] e das não altas nasais - resultados para /e/

	i			é			ê		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
___é vegetais	20/405	5%	.6	330/405	81%	.59	55/405	14%	.35
	dipressa			séleção			vêgetais		
___ó relógio	155/765	20%	.19	543/765	71%	.59	67/765	9%	.22
	milhor			resposta			rêmoto		
___a verdade	98/1237	8%	.10	982/1237	79%	.77	157/1237	13%	.13
	divagar			rêlação			fêchado		
__ã ã õ vergonha	82/985	8%	.9	803/985	82%	.74	100/985	10%	.17
	piqueno			levanta			sêmana		

TABELA - 6 Médias antes de [e], [o], [a] e das não altas nasais - resultados para /o/

	u			ó			ô		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
___é novela	75/568	13%	.9	465/568	82%	.76	5/568	5%	.14
	buneca			prójetto			côlheres		
___ó colocar									
___a votar	190/1154	16%	.6	948/1154	82%	.92	16/1154	1%	.2
	butar			côração			pôrcaria		
__ã ã õ momento	64/624	14%	.1	562/624	90%	.95	35/624	6%	.4
	butando			prôblema			mômento		

Vemos novamente se confirmarem as expectativas. As ocorrências de variantes abertas são predominantes em contexto de mesma altura, e diante das não - altas nasais [ã], [ẽ], [õ]. Temos aí a aplicação da regra de harmonização vocálica atuando outra vez. Observamos também que, em termos gerais, a vogal recuada / o / está mais sujeita à regra de abertura do que a não - recuada /e/. Os valores probabilísticos e percentuais atribuídos à /o/ são inequivocamente mais altos em todos os contextos considerados. Inclusive diante de [ó], a realização aberta foi categórica: nenhum caso de elevação foi registrado, e os casos de fechamento se restringem a cinco ocorrências do verbo colocar e derivados.

Ex.: c [ô] locava (2), c [ô] locar (2), c [ô] locarem (1)

Nos demais registros, temos a ocorrência categórica de vocábulos como:

Ex.: c [ô] locar, pr [ô] posta, f [ô] rmosa, pr [ô] vocar, g [ô]stosa.

As tabelas 7 e 8 apresentam os contextos favoráveis ao fechamento das médias.

TABELA 7 - / e / diante de [ê], [ô] e ditongo

	i			é			ê		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
__ê cereja	40/321 bizerro	12%	.7	17/321 mercearia	5%	.2	264/321 pêrder	82%	.91
__ô nervoso	17/224 milhorei	8%	.7	45/224 pessoal	20%	.9	162/224 chêgou	72%	.84
__dit levou	276/1211 pidiu	23%	.15	253/1211 gêlêia	21%	.11	682/1211 rêspeito	56%	.74

TABELA 8 - / o / diante de [ê], [ô] e ditongo

	u			ó			ô		
	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P	Apli/tot	F	P
__ê governo	933/1889 sussego	49%	.30	24/1889 lôteria	1%	.2	932/1889 côrret	49%	.68
__ô gostoso	29/104 buto(u)	28%	.8	2/104 côronel	2%	.1	73/104 côlocou	70%	.91
__dit comeu	64/466 cubriu	14%	.8	192/466 jôrnais	41%	.23	210/466 môrreu	45%	.68

Analisando cuidadosamente os valores presentes na tabela acima, vemos a confirmação da hipótese de que as variantes fechadas ê e ô só predominam nos contextos de mesma altura, e de ditongos. Vale esclarecer que o ditongo foi tratado indistintamente, não importando se fosse crescente ou decrescente. Os ditongos nasais não foram considerados porque tiveram ocorrência inexpressiva, apenas cinco: pôrtão, córdão, pôrão e quêstão.

De modo geral, os resultados expostos nas Tabelas 7 e 8 não revelam surpresas. Os valores percentuais e probabilísticos mais altos, quase categóricos, atribuídos à realização fechada de /e/ e /o/, se restringem aos contextos de mesma altura ê e ô, diminuindo um pouco diante dos ditongos.

No entanto, é interessante observar que no nosso dialeto, a vogal não recuada /e/ está mais favorável ao fechamento do que à elevação. Considerando o consenso existente entre os pesquisadores já citados neste trabalho, de que a

realização fechada das vogais pretônicas é pouco provável no nordeste, e que o fenômeno de elevação é uma tendência convergente entre os dialetos brasileiros, causa uma certa surpresa, então, verificar que dos onze contextos vocálicos considerados, a variante *i* só predomina sobre *ê*, quando se encontra diante de [i], [ĩ], [ũ]. Nos outros oito contextos restantes, *ê* é mais provável de ocorrer (consultar TABELA 2). No que se refere à vogal recuada /o/, o número de contextos em que *ô* predomina sobre *u* cai para seis. Sendo que, em três desses contextos, a diferença entre os pesos relativos das variantes *u* e *ô* revelou - se inexpressiva.

Pudemos observar também que a alternância entre as três variantes *i*, *é*, *ê* e *u*, *ó*, *ô* ocorre antes de altas orais, mas não diante das altas nasais. Também registramos uma alternância entre os três níveis de altura para /e/ diante de [ɔ], bem exemplificada pelos vocábulos: *milhor*, *mêlhor* e *mêlhor*.

Nos outros contextos, as variantes se encontram em distribuição complementar: médias fechadas antes de vogais fechadas, e médias abertas antes de vogais abertas.

Em relação às altas nasais [ĩ] e [ũ], temos um comportamento diferenciado. A nasal [ĩ] favorece a elevação categórica tanto de /e/ como de /o/. Enquanto que a nasal [ũ] favorece a abertura de /o/, e a elevação de /e/.

3 - Conclusão

Concluimos, portanto, que os resultados obtidos são previsíveis. As variantes abertas [é] e [ó] são majoritárias no dialeto pessoense, apesar de haver ocorrência significativa de variantes elevadas [i] e [u] e fechadas [ê] e [ô], que estão sempre subordinadas à presença de vogais de mesma altura na sílaba seguinte. Logo, médias altas ocorrem predominantemente antes de [i], [ĩ] e [ũ], e as médias fechadas exclusivamente antes de [e], [o] e de certos ditongos.

Na verdade, é o princípio da harmonização vocálica que rege a variação da pauta pretônica no dialeto pessoense. Isso justifica a posição da variável vogal da sílaba seguinte que se evidencia como a mais importante em relação às demais variáveis lingüísticas e sociais consideradas em nossa pesquisa.

Bibliografia

BISOL, Leda. *Harmonização Vocálica*. Tese de doutorado. UFRJ, 1980.

BORTONI, Stela M., GOMES, Christina A., MALVAR, Elisabete. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 1992. Ano 1, v. 1, pp. 9-29.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 44.

SILVA, Myrian Barbosa da. *As pretônicas na fala baiana - A variedade culta de Salvador*. Tese de doutorado. UFRJ, 1989.